
Entre descobertas e naufrágios: as contribuições das Grandes Navegações para o desenvolvimento do jornalismo ibérico¹

Eduardo COMERLATO²

RESUMO

Retornando ao período das Grandes Navegações, o trabalho investiga como as narrativas sobre as expedições ultramarinas influenciaram no desenvolvimento do jornalismo de Espanha e Portugal. Para isto, propõe-se um resgate de publicações que circularam nas localidades entre os séculos XV e XVI com a recente popularização da impressão tipográfica. Assim, analisando materiais, que envolvem histórias de descobrimentos e relatos trágico-marítimos, quer-se projetar sobre como o surgimento de publicações avulsas não periódicas contribuiu para que uma nova cultura noticiosa surgisse na Península Ibérica naquela época.

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo; Grandes Navegações; Formatos noticiosos; História da Imprensa; Jornalismo não periódico.

Introdução

Além de suas colaborações notáveis nos âmbitos geográficos e tecnológicos, as Grandes Navegações participaram de maneira efetiva no desenvolvimento de outros fatores socioculturais em Portugal e Espanha. Entre os destaques, tivemos mudanças significativas nos aspectos comunicacionais, incluindo práticas que ajudariam a desenvolver o jornalismo destas localidades. Isso ocorreu pois a sociedade da península passou a cultivar uma obsessão pelo mar, moldando um imaginário a partir das narrativas sobre as viagens, que partiam e chegavam constantemente nos portos, trazendo sobreviventes, estrangeiros, especiarias e inúmeras histórias. Diante disso, textos com um estilo de literatura noticiosa inaugural passaram a circular na região, relatando o que ocorria aos navegantes que deixavam suas nações para embarcar no Oceano Atlântico. Com temas de interesse público e comprometidas em contar a realidade dos acontecimentos, as narrativas sobre as expedições apresentam contornos

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos e graduado em Jornalismo pela PUCRS, e-mail: educomerlato@hotmail.com.

jornalísticos na medida em que buscaram, sobretudo, informar, apresentando-se como um prenúncio da prática noticiosa, segundo Guirado (2001), Sousa (2007; 2008; 2009) e Tengarrinha (2013).

Vivendo em um contexto comunicacional em modernização a partir da recente invenção da prensa de tipos móveis, os dois países passaram a lidar com relatos noticiosos de maneira similar durante o período, embora com algumas nuances. Na Espanha, como veremos, a popularização das notícias ocasionais se deu com a transição entre a impressão das *cartas de relación* e o surgimento posterior das *relaciones de sucesos* — um processo caracterizado por publicações de materiais como os escritos sobre a descoberta da América. Enquanto isso, embora também convivesse com a difusão de materiais heróicos sobre os seus conquistadores, Portugal experimentou uma vertente noticiosa a partir de narrativas sobre tragédias marítimas, com a disseminação de pequenos folhetos avulsos e ocasionais, também chamados de “relações”, que reportavam naufrágios e outros acontecimentos funestos em alto-mar. Com um alto protagonismo nas impressões do século XVI e dando um tom de declínio ao império ultramarino lusitano, elas realizaram uma conexão no mercado tipográfico até o surgimento posterior dos almanaques, gazetas e os próprios jornais periódicos.

À vista disso, o presente trabalho pretende resgatar o período das Grandes Navegações para entender como as narrativas da época se assemelham ao jornalismo de hoje, tanto em suas propriedades discursivas, quanto em suas capacidades de difusão. Da mesma maneira, o olhar retrospectivo também planeja projetar como se deu o encadeamento entre os diferentes formatos editoriais não periódicos que surgiram entre os séculos XV e XVII, entendendo que eles contribuíram efetivamente para chegarmos ao cenário que vivenciamos hoje. Para tanto, trataremos de dois relatos que narram os opostos vividos em alto-mar: de um lado, teremos as cartas de Colombo (1492) sobre o descobrimento da América, que obtiveram uma difusão consideravelmente alta ainda em 1493; do outro, abordaremos A Relação da Muito Notável Perda do Galeão Grande São João, veiculada na metade do século XVI. Desse modo, seja com o sucesso ou com os lamentos dos navegadores, poderemos refletir sobre como os primórdios do jornalismo ibérico foram influenciados por uma grande corrente em comum: o mar

Protagonismo ibérico nas navegações atlânticas

Ainda vivendo as vertentes do Renascimento, Espanha e Portugal tiveram seus contextos reformulados ao explorar o Oceano Atlântico em expedições marítimas, com objetivos que envolviam a busca por rotas seguras para o Oriente, novos parceiros comerciais e outras questões financeiras. Até então, as águas que banhavam a parte ocidental do velho continente eram tidas como misteriosas, um estigma alimentado por lendas medievais sobre supostas criaturas monstruosas que habitavam o além-mar. Com as descobertas do período, os países se viram diante de novos horizontes também em âmbitos cognitivos, econômicos e socioculturais, dado que a existência de novas localidades e povos, bem como os perigos enfrentados pelas longas jornadas, geravam uma curiosidade tremenda naqueles que permaneciam em terra firme. Para tanto, os povoados passaram a conviver com uma maior circulação de histórias, as quais contavam os acontecimentos das navegações e complementavam a curiosidade dos povoados:

O alargamento dos contactos com maior regularidade entre grupos e sociedades humanas, aumentando o interesse pelo conhecimento de factos para além da realidade próxima e evidenciando a utilidade social dessa informação, colocava em termos de maior necessidade a divulgação da notícia com carácter mais frequente. (TENGARRINHA, 2013, p. 27)

Pensando nisso, as naus e caravelas muitas vezes contavam com marinheiros que se destinavam a preservar os ocorridos em texto, formando discursos noticiosos sobre a jornada. Entre os formatos mais populares para se fazer isso, haviam os tradicionais diários, que registravam o itinerário rotineiramente, tal qual fez Pero Lopes de Sousa durante a expedição comandada por seu irmão, Martim Afonso de Souza, em terras brasileiras entre 1530 e 1532. Outro gênero próprio do período eram as cartas, comumente endereçadas para as monarquias e que sintetizavam os acontecimentos das viagens. Como exemplo deste formato, também temos outro caso luso-brasileiro, que foi a carta de Pero Vaz de Caminha (1500), encaminhada ao Rei D. Manoel com os detalhes das novas terras encontradas por Cabral.

Para Guirado (2001), o discurso do fidalgo lusitano narrando o descobrimento do Brasil pode muito bem ser tratado como a primeira reportagem escrita em nossas terras. Isso ocorre pois o relato, apesar de não ter se tornado público em sua época, conta com atributos jornalísticos como “a atualidade, o interesse (do público), a veracidade/objetividade e a facilidade de assimilação ou clareza do texto” (2001, p. 53-54). Da mesma forma, como uma reportagem ou matéria, ele se destina a descrever um acontecimento relevante detalhadamente, respeitando atributos de noticiabilidade e sendo capaz de construir cenários e movimentos discursivamente.

Entretanto, se retornarmos um pouco na cronologia das Grandes Navegações, teremos outro caso epistolar de destaque, que se deu com a chegada de Cristóvão Colombo (1492) na América Central. Embora o navegador também tenha mantido um diário enquanto velejava pelo Atlântico, suas expedições ficaram famosas por causa de suas cartas, as quais reportaram sua chegada ao Novo Mundo com características jornalísticas parecidas com as mencionadas por Guirado (2001). Nas correspondências, endereçadas para remetentes relacionados à monarquia espanhola, o navegador se preocupa em descrever os cenários e acontecimentos de acordo com a sua perspectiva. Ao mencionar os povos nativos americanos, por exemplo, Colombo (1492) concentra seus esforços para relatar a fisionomia indígena, se pautando em um suposto exotismo das tribos encontradas, que foram noticiadas desta forma:

A gente dessa ilha e de todas as outras que achei e tive notícia andam nus, homens e mulheres, assim como suas mães o pariram, ainda que algumas mulheres acobertam um lugar só com uma folha de erva ou com uma touca de algodão feita para isso. Eles não têm ferro, aço, nem armas, não são para isso, não porque não são gente bem disposta e de estatura agradável, exceto que temem muito as maravilhas. Não tem outras armas, exceto as armas de madeira, quando estão com sementes, a qual põe uma ponta afiada, e eles não ousam usá-las. (COLOMBO, 1492, p. 187, tradução nossa)

Colombo (1492) também tratou de relatar as características das regiões encontradas, as quais, para ele, eram um verdadeiro paraíso, com terras “muitíssimo lindas, de mil encontros e todas percorríveis, e cheias de árvores de todos os tipos e altas, e parecem que chegam até o céu” (COLOMBO, 1492, p. 186, tradução nossa). Com o uso recorrente de adjetivos e comparações, as descrições são repletas de detalhes

para transportar o leitor ao acontecimento narrado, difundindo o paraíso encontrado em 12 de outubro de 1492.

Apresentando tamanha carga simbólica, os textos de Colombo (1492) ficaram em destaque ainda em 1493 graças à recente popularização da prensa de tipos móveis, inventada por Gutenberg nas proximidades de 1450. Com a notável capacidade de reproduzir cópias de textos através da arte da tipografia, o novo mecanismo permitiu que as cartas fossem publicadas imediatamente, garantindo que os sucessos da expedição financiada pela Coroa Espanhola pudessem circular entre a população³. Assim, além das capacidades náuticas do navegador, temos uma demonstração de como “grande parte do êxito de Colombo consiste em ter dominado os meios de comunicação de seu tempo, e em ter sabido manejá-los para a sua própria história” (IFE, 1993, p. 131, tradução nossa).

O legado das cartas do descobrimento

Entre as cartas de Colombo (1492) que narram sua chegada ao continente americano, duas vieram a se popularizar na Europa, ambas com um conteúdo bastante similar e endereçadas para pessoas ligadas ao setor financeiro da realeza espanhola, que eram Luis de Santángel e Gabriel Sánchez. Ainda nos primeiros meses de 1493, ano em que a expedição retornou, os escritos ganharam pelo menos onze edições impressas, disponibilizadas em espanhol, latim e italiano, ao longo de cinco países. Dentro da Península Ibérica, sabe-se que uma versão em castelhano da carta enviada a Santángel foi replicada na prensa do tipógrafo Pedro Posa, em Barcelona, com bastante urgência (RAMOS PÉREZ, 1977, p. 11).

Desse modo, a publicação com traços jornalísticos fez com que as cartas cumprissem o papel de informar sobre a jornada do genovês, relatando os acontecimentos e achados da viagem como notícias avulsas, que propagaram-se pelas ruas espanholas em uma escala bastante alta para a época. Nas palavras de Ramos Pérez (1977, p. 32), tamanha divulgação se deu como um “grande triunfo das técnicas da

³ Ramos Pérez (1976) argumenta que as cartas provavelmente tenham sido usadas como instrumento político pelos Reis da Espanha, pensando em garantir a posse das novas terras descobertas. Dessa forma, o conteúdo final das publicações pode ter sido manipulado pela corte, mas sem que elas deixassem de ter seus intuítos informativos veiculados. Ver: RAMOS PÉREZ, D.. La Carta de Colón dando cuenta del Descubrimiento en relación con las Islas Canarias y la gestión de la Bula de Donación. In: I Coloquio de Historia Canario-Americano, 1976.

modernidade”, indicando o início de uma nova era em dois aspectos: enquanto os avanços nas habilidades náuticas permitiam vencer distâncias para descobrir novos espaços no globo, a técnica de difusão comunicacional fresca pode generalizar os feitos em uma rapidez até então nunca vista.

Não à toa, Ettinghausen (2015) considera o fenômeno da propagação dos feitos de Colombo (1892) como o primeiro caso de *news network* em uma escala pan-europeia — afinal, muitas cidades do continente, como Barcelona, Sevilha, Roma, Florença, Paris, Antuérpia, Basileia e outras, conseguiram anunciar o acontecimento em um curto espaço de tempo, replicando o discurso do navegador genovês:

Um evento único, a descoberta do Novo Mundo, permite-nos avaliar dois fatos fundamentais: primeiro, a primeira existência de notícias impressas em grande parte da Europa; em segundo lugar, a constituição muito precoce de *news network*, que puderam assegurar a publicação rápida da notícia em escala pan-europeia. Em 1493, ao regressar da sua primeira viagem transatlântica, Cristóvão Colombo desembarcou em Lisboa, mas quem parece ter publicado pela primeira vez a carta escrita em castelhano, na qual narra as suas experiências, foi Pere Posa em Barcelona, em folhetos avulsos com quatro páginas. (Ettinghausen, 2015, p. 22-23, tradução nossa)

Estudando os princípios do jornalismo espanhol, a pesquisadora Espejo Cala (2008) entende que a prática de publicação de cartas — como as de Colombo (1892), que não foram as primeiras veiculadas no formato tipográfico, mas que ficaram em evidência com sua notável popularidade — corresponde ao fenômeno das *cartas de relación* (cartas de relatos). Estas, são narrativas especificamente redigidas para determinado remetente com o intuito de transmitir informações acerca de um tema ou acontecimento específico, muitas vezes englobando âmbitos institucionais ou políticos.

Porém, a despeito de elas comumente serem enviadas em caráter privado, as *cartas de relación* começaram a ser reproduzidas com a tipografia para que feitos pudessem se tornar públicos, se alastrando entre a sociedade no geral. Ou seja, um propósito bastante comunicacional, o qual contribuiu para que uma “nova cultura do impresso” (ESPEJO CALA, 2008, p. 2) surgisse em países como a Espanha com um grande objetivo: informar a civilização. Sendo assim, os estúdios de imprensa, espalhados por cidades hispânicas como Barcelona, Sevilha, Valência, Zaragoza e Granada (FANDOS, 2016), encontraram na publicação das cartas um novo gênero

editorial, consideravelmente mais dinâmico em comparação aos livros e capaz de renovar as práticas de escrita e leitura.

Analisando com olhares retrospectivos, podemos notar que as *cartas de relación*, com sua agilidade de consumo característica, colaboraram diretamente para que novos formatos informativos pudessem se popularizar entre o público espanhol nos anos posteriores. Entre eles, temos as *relaciones de sucesos* (relações de eventos), que “são textos breves de temas históricos com uma intencionalidade de informar por meio de um processo editorial” (Infantes, 1996, p. 208, tradução nossa). Assim como as cartas, estas relações geralmente limitavam-se a noticiar um único acontecimento por edição, sendo vendidas nas ruas em folhas ou panfletos avulsos, que ganharam bastante popularidade durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Entre seus temas, pode-se observar descrições de cataclismas, informações sobre guerras, representações de festas religiosas, conteúdos para uso dos comerciantes e muito mais.

A partir da popularização das cartas e relações, que são tidos como os “primeiros gêneros do jornalismo impresso espanhol”, tivemos uma grande e manifesta contribuição na prática noticiosa: as narrativas informativas começaram a ser produzidas com maior frequência e também passaram a ser feitas por escritores de diferentes classes e funções sociais, deixando de ser uma exclusividade de personalidades da época, tais quais descobridores, conquistadores ou personagens do clero. Assim, Espejo Cala (2008, p. 2) identifica um caminho trilhado pelo jornalismo impresso espanhol a partir das cartas, manifestando-se com a aparição e a popularização de diferentes formatos noticiosos: primordialmente, as *cartas de relación*, como as de Colombo (1892), propiciaram o desenvolvimento das *relaciones de sucesos*, criando uma nova cultura entre escritores e leitores. As relações, quando produzidas com maior frequência e agrupadas, proporcionaram a modelação das gazetas (*gacetas*) durante o século XVII, que circulavam semanalmente com compilados de notícias. Adiante, com os avanços organizacionais do jornalismo, os *diários* tomaram forma nas cercanias do século XVIII, ostentando um grau de periodicidade mais familiar ao visto hoje.

Cabe frisar que, ao abordarmos os dois primeiros estágios do itinerário mencionado, ainda estamos falando de uma prática noticiosa amadora, esporádica e, por vezes, bastante experimental — um “pré-jornalismo”, como Marques de Melo (2012) pontua em seus estudos. Porém, a ideia de refletir sobre a impressão das cartas do

descobrimto passa por entender que elas participaram efetivamente na popularização de dispositivos noticiosos, com características de maior urgência que podem ter servido de inspiração para que outras relações fossem produzidas por diferentes autores do período. Assim, como resultado das expedições das Grandes Navegações, temos nas cartas de Colombo (1892) uma grande contribuição para a popularização de notícias pré-jornalísticas, demonstrando os poderes da imprensa com uma pressa e urgência até então inédita na civilização europeia.

Infortúnios em alto-mar

Em Portugal, também tivemos o surgimento de uma dita “cultura do impresso” durante a Era dos Descobrimentos. Assim como na Espanha, também pode-se observar a publicação de narrativas informativas ocasionais abordando feitos patrióticos, muitas vezes feitas por cronistas como João de Barros, Damião de Góis, Diogo do Couto e Fernão Lopes de Castanheda (LANCIANI, 1979). Todavia, neste segmento do trabalho, quer-se abordar uma interface distinta das Grandes Navegações, a qual contribuiu à sua maneira para o desenvolvimento do jornalismo lusófono não periódico: a publicação de notícias sobre tragédias marítimas, veiculadas em folhas noticiosas ocasionais similares às *relaciones de sucesos* espanholas⁴.

Estes folhetos eram comumente chamados de “folhas volantes” ou “relações”, no sentido de que se comprometiam a relatar um único assunto ou acontecimento, apresentando “algumas características de imprensa pela atualidade que procuravam e o detalhe da informação, frequentemente com carácter sensacionalista” (TENGARRINHA, 2013, p. 35). Embora eles pudessem se propagar de forma manuscrita, é notável que sua popularidade aumentou com a chegada da invenção de Gutenberg. Narrando cataclismas, relatos de fenômenos extraordinários e com menções frequentes às personalidades da elite portuguesa, as relações eram projetadas para divulgar detalhes que poderiam informar, satisfazer a curiosidade dos leitores e também entreter. Dessa maneira, suas pautas “já obedeciam a critérios de noticiabilidade

⁴ De acordo com Ettinghausen (2015), as relações foram um fenômeno em escala europeia, podendo apresentar similaridades em seus formatos ao longo de muitos países do continente. Ver: ETTINGHAUSEN, Henry. *Relaciones internacionales: las relaciones de sucesos, un fenómeno paneuropeo*. Revistes científiques. Monografies, 2015.

idênticos aos contemporâneos, o que acentua a natureza cultural e histórica dos valores-notícia” (SOUSA, 2009, p. 3).

Durante o desenvolvimento do gênero editorial no século XVI, sabe-se que muitas publicações abordavam assuntos das Grandes Navegações. Em levantamento feito por Tengarrinha (2013, p. 36-37), foi constatado que entre 1552 e 1641 (ano de lançamento da Gazeta da Restauração⁵, o primeiro veículo periódico português), pelo menos 33 relações foram impressas no país. De acordo com a amostragem, 45,5% destas publicações (ou seja, 15) envolviam “expansão marítima, naufrágios, relações com outros povos e descrições de terras distantes, proselitismo religioso”, indicando um maior interesse do público. Na sequência, vinham temas como “cerimônias e cultos religiosos” (18,2%); “notícias da Corte” (18,2%); “acontecimentos gerais do Reino e do estrangeiro” (9%); “batalhas” (6,1%); e “descrição de Lisboa” (3%).

Dentro da temática ultramarina, as abordagens de naufrágios e outras tragédias oceânicas estavam entre as mais requisitadas, algo que pode ser observado a partir da compilação História Trágico-Marítima, de 1735. Nela, Bernardo de Brito (1998) reuniu doze relações sobre naufrágios escritas entre 1552 e 1602. Uma das mais famosas, e provavelmente uma das primeiras (SOUSA, 2009), foi A Relação da Mui Notável Perda do Galeão Grande São João, em Que se Contamos Grandes Trabalhos e Lastimosas Cousas Que Aconteceram ao Capitão Manuel de Sousa Sepúlveda e o Lamentável Fim Que Ele e Sua Mulher e Filhos e Toda a Mais Gente Houveram na Terra do Natal, Onde Se Perderam a 24 de Junho de 1552.

A partir de seu título, imediatamente ficamos sabendo mais sobre o episódio que ela se compromete a narrar, relevando questões como “o que aconteceu”, “quem estava presente” e “quando ele ocorreu”. Identifica-se, assim, uma característica jornalística que se assemelha aos títulos e ao *lead* informativo de hoje, em que o mais importante do relato se apresenta no primeiro contato com o discurso. Outra característica próxima ao jornalismo é o fato de que o autor da narrativa, tido como anônimo, busca atestar que ouviu a história de uma fonte confiável: Álvaro Velho, o guardião do galeão naufragado. Ao usar um sobrevivente do incidente como testemunho, o autor possibilita que a

⁵ Ver SOUSA, Jorge Pedro. Gazeta da restauração (1641-1642) – a introdução do periodismo noticioso em Portugal. Notícias em Portugal, p. 27-50, 2018.

relação seja encarada pelos leitores como verídica, bem como as fontes costumeiramente fazem nas matérias atuais.

Desde o começo da narrativa, o autor busca pontuar precisamente as informações dos ocorridos, se mantendo objetivo e coerente à cronologia dos fatos. Após a introdução, por exemplo, temos um trecho bastante descritivo sobre a partida do galeão dos portos de Cochim, tendo Portugal como seu destino:

Partiu neste galeão Manuel de Sousa, que Deus perdoe, para fazer esta desventurada viagem de Cochim, a três de fevereiro do ano de cinquenta e dous. E partiu tão tarde por ir carregar Couião e lá haver pouca pimenta, onde carregou obra de quatro mil e quinhentas, e veio a Cochim acabar de carregar a cópia de sete mil e quinhentas por toda, com muito trabalho por causa da guerra que havia no Malavar. E com esta carga se partiu para o Reino, podendo levar doze mil; e ainda que a nau levava pouca pimenta, nem por isso deixou de ir muito carregada de outras mercadorias, no que se havia de ter muito cuidado pelo grande risco que correm as naus muito carregadas. (BRITO, 1998, p. 6)

Seguindo o estilo informativo, a narrativa se desenvolve manifestando uma convenção retórica que irá se fazer presente em muitas outras histórias de naufrágios da época, como constata Lanciani (1990). Resumidamente, a autora assinala as seguintes etapas narrativistas em comum entre as relações trágico-marítimas: 1) antecedentes e partida; 2) tempestade ou catástrofe; 3) naufrágio; 4) peregrinação; 5) salvação de determinados personagens; e, por fim, 6) retorno e a reinserção na sociedade. Enquanto esta sequência ocorre, os autores dos textos continuam a inserir os fatos com a alta precisão mencionada. No caso do Galeão São João (BRITO, 1998, p. 8 - 9), ficamos sabendo que, em onze de março de 1552, a vinte e cinco léguas do Cabo de Boa Esperança, o Capitão Sepúlveda decidiu arribar diante de ventos desfavoráveis, os quais foram seguidos por um temporal que prejudicou as estruturas da nau, como o leme, as velas e o mastro. Diante disso, um naufrágio iminente começa a ser narrado, apresentando o grande acontecimento que o texto deseja tornar público.

Eis que as relações conseguem projetar conjunturas e contextualizam os acontecimentos, revelando atributos próprios da época em que elas foram escritas. Através do discurso, elas são precisas quanto à política portuguesa e ao cotidiano, relatando “com clareza e objetividade a localização, as distâncias, a direção dos ventos, a tripulação, a estrutura das naus, o manuseio técnico das embarcações durante as viagens” (DOMINGUES, 2016, p. 2-3). Da mesma forma, Sousa (2009, p. 8) entende

que as publicações, geralmente feitas para “ampla difusão pública”, se assemelham às reportagens de hoje na medida em que exploram as causas e consequências de um acontecimento “notável, recente e dramático”. Sobre o Galeão São João, por exemplo, o autor deixa explícito que a embarcação viajava com uma carga acima do permitido, indicando a ganância dos pilotos do período.

Além disso, outros atributos dos relatos nos permitem realizar comparações com o gênero das reportagens de hoje. Um deles é o apelo emotivo na hora de desenvolver os momentos trágicos dos relatos, trazendo comoção ao descrever os naufrágios e outros infortúnios desencadeados, como a luta pela sobrevivência em terras desconhecidas, os ataques de corsários e a ausência de água potável e comida. Com toques literários, as relações ganham mais atratividade, como as matérias jornalísticas de nosso tempo, na medida em que envolvem e emocionam os leitores com o drama dos navegadores:

Os autores dos relatos demonstram uma hábil capacidade — que se aperfeiçoa ao longo do tempo e à medida da evolução das técnicas narrativas específicas — de descrever, num crescendo de sensacionalismo não desprovido de notas patéticas, ou melodramáticas, as cenas do naufrágio e as reações humanas, de modo a obter um efeito emocional bem preciso. (LANCIANI, 1990, p. 79)

Apresentando tamanha dramaticidade e novidades discursivas, o gênero das relações de naufrágios acabou por ser bem-sucedido nos campos do pré-jornalismo português. Com edições que pareciam *best-sellers* em função de suas circulações rápidas e abrangentes, muitos relatos foram reimpressos várias vezes num espaço temporal muito curto, fazendo com que um novo tipo de comércio passasse a prosperar no reino lusitano: o dos escritores e impressores, que “fizeram excelentes negócios especializando-se nesse gênero de publicações”, enquanto “tratavam de estimular a curiosidade do público com relatos sempre novos, cada vez mais dramáticos”. (LANCIANI, 1990, p. 71). Para aumentar o lucro com as vendas, os mercadores tipográficos buscavam realizar a impressão em um “papel grosseiro e com aspecto gráfico de pouco cuidado, mostrando sobretudo a preocupação de manter um custo baixo de produção, tendo em atenção as escassas exigências e posses de uma parte do público a que se dirigiam” (TENGARRINHA, 2013, p. 37).

Outro indicativo do grau de popularidade adquirido pelas relações envolve o fato de que pontos de venda, como bancas e feiras (TENGARRINHA, 2013, p. 32),

passaram a surgir nas ruas lusitanas. Da mesma forma, para superar o alto número de analfabetos do país, sessões de leituras eram realizadas em praças e parques públicos, onde as notícias eram lidas em voz alta em troca de dinheiro. Aliás, este fenômeno acabou por se tornar comum em outras cidades europeias, tendo suas origens provavelmente em Veneza, onde costumeiramente “dava-se uma moeda denominada gazeta ao leitor, tendo essa denominação perdurado como sinónimo de jornal e gazeteiro como uma das primeiras denominações de jornalista” (SOUSA, 2009, p. 2).

Como pode-se ver, uma nova cultura informativa em linguagem lusófona foi impulsionada pelas Grandes Navegações, baseando-se em uma capacidade de difusão elevada e relatos noticiosos com uma linguagem mais atraente, ainda que, por vezes, um tanto sensacionalista. Isso fez com que o reino português tivesse um acréscimo significativo no seu número de leitores e escritores, que abordavam relatos vivenciados por outros ou escreviam o seu próprio testemunho através de um estilo literário cada vez mais fresco. Assim, novos modelos jornalísticos puderam ser presenciados em Portugal durante o período, contribuindo na remodelação do cenário comunicacional até a chegada da periodicidade nas décadas seguintes.

Novos horizontes

Enquanto as cartas do descobrimento da América demonstraram o quão longe as narrativas poderiam chegar a partir da impressão tipográfica, os relatos trágico-marítimos portugueses se popularizaram com seus recursos discursivos envolventes, informando como se fossem “reportagens jornalísticas *ante litteram*” (LANCIANI, 1979, p. 24). Assim, entre as descobertas e os naufrágios vivenciados durante as Grandes Navegações, temos em comum, além da temática oceânica, a formação de um novo horizonte cognitivo na Península Ibérica.

Portanto, as cartas e relações foram essenciais para que o caminho do desenvolvimento dos formatos noticiosos pudesse ser trilhado na Espanha e em Portugal, sendo seguidas por outros estilos editoriais, como as gazetas e os jornais diários. Nas ondas da Era dos Descobrimentos, o jornalismo pode representar os sucessos e as angústias vivenciados em alto-mar, trazendo à tona as capacidades e as possibilidades de se representar a realidade narrativamente.

REFERÊNCIAS

BRIGGS, Asa; BURKE. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet . 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016

BRITO, Bernardo Gomes de. **História trágico-marítima**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores: Contraponto Editora, 1998.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Ministério da Cultura. Fundação da Biblioteca Nacional: Departamento Nacional do Livro, 1500. Disponível em <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2021.

COLOMBO, Cristóvão. **Relaciones y cartas de Cristóbal Colón**. Madrid, Librería de Hernando y Co, 1892. Reprodução digital: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcdj5b9>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2021

DOMINGUES, Ângela. Introdução. In: RUSSELL-WOOD, A. **Histórias do Atlântico Português**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2014.

DOMINGUES, Juan. As narrativas portuguesas sobre naufrágios e o texto do jornalismo literário. **Revista FAMECOS**, 23(4), ID24898. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s.24898>. 2016.

ESPEJO CALA, Carmen.. Los inicios del periodismo en Sevilla: desde las cartas de aviso a las relaciones de sucesos. En C. Espejo Cala, E. Peñalver Gómez, M.D. Rodríguez Brito (Ed.), **Relaciones de sucesos en la Biblioteca de la Universidad de Sevilla** [exposición] (pp. 26-37). Sevilla: Universidad de Sevilla, Biblioteca, 2008.

ETTINGHAUSEN, Henry. Relaciones internacionales: las relaciones de sucesos, un fenómeno paneuropeo. **Revistes científiques**. Monografies, 2015.

FANDOS, Pilar González. Relaciones de sucesos: en los inicios del periodismo. In: **Identidad e Imagen de Andalucía en la Edad Moderna**, Universidad de Almería. c2016. Disponível em: <<http://www2.ual.es/ideimand/relaciones-de-sucesos-en-los-inicios-del-periodismo/>>. Acesso em: 05 de agosto de 2021.

GÁRCIA DE LA FUENTE, Víctor Manuel. Relaciones de sucesos en forma de carta: estructura, temática y lenguaje. In: **Las relaciones de sucesos en España: 1500-1750**: Actas del primer Coloquio Internacional (Alcalá de Henares, 8, 9 y 10 de junio de 1995). Editorial Universidad de Alcalá, 1996. p. 177-186.

GUIRADO, Maria Cecília. **Relatos do descobrimento do Brasil** – as primeiras reportagens. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

HOHLFELDT, A. As origens antigas: a comunicação e as civilizações, in HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C. e FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes: 2001.

IFE, Barry W., Las dos cartas de Colón de 1493: transmisión y público. **Edad de Oro**, XII 1993, p. 131-139.

INFANTES, V. ¿Qué es una relación?: divagaciones varias sobre una sola divagación. In: **Las relaciones de sucesos en España: 1500-1750**: actas del Primer Coloquio Internacional (Alcalá de Henares, 8, 9 y 10 de junio de 1995). Editorial Universidad de Alcalá, 1996. p. 203-216.

LANCIANI, G. **Os Relatos de Naufrágios na Literatura Portuguesa dos Séculos XVI e XVII**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa da Secretaria de Estado da Cultura, 1979.

LANCIANI, Giulia. Uma história trágico-marítima. IN: CHANDEIGNE, Michel (org.). **Lisboa ultramarina, 1415-1580**: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MARQUES DE MELO, José. **História do Jornalismo**: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

PÉREZ, Demetrio Ramos. La Carta de Colón dando cuenta del Descubrimiento en relación con las Islas Canarias y la gestión de la Bula de Donación. In: **I Coloquio de Historia Canario-Americano**. Cabildo Insular de Gran Canaria, 1976.

SOUSA, Jorge Pedro. As relações de naufrágios do século XVI e a gênese do jornalismo lusófono, in SOUSA, Jorge Pedro e PINTO, Ricardo Jorge (Orgs.). **Actas das II Jornadas Internacionais de Jornalismo: Porquê Estudar o Jornalismo?**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no ocidente. Em: **Jornalismo, história, teoria e metodologia** – perspectivas luso brasileiras, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro . **A Relação da Muito Notável Perda do Galeão Grande São João e a gênese do jornalismo lusófono**, Universidade Fernando Pessoa; Centro de Investigação Media & Jornalismo. 2009 Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-jornalismo-lusofono.pdf>. Acesso em: 05 de agosto de 2021.

SOUSA, Jorge Pedro. Gazeta da restauração (1641-1642) – a introdução do periodismo noticioso em Portugal. **Notícias em Portugal**, p. 27-50, 2018.

TENGARRINHA, José. **Nova História da Imprensa Portuguesa**: das origens a 1865. 1a ed. Lisboa: Editora Temas e Debates, 2013.